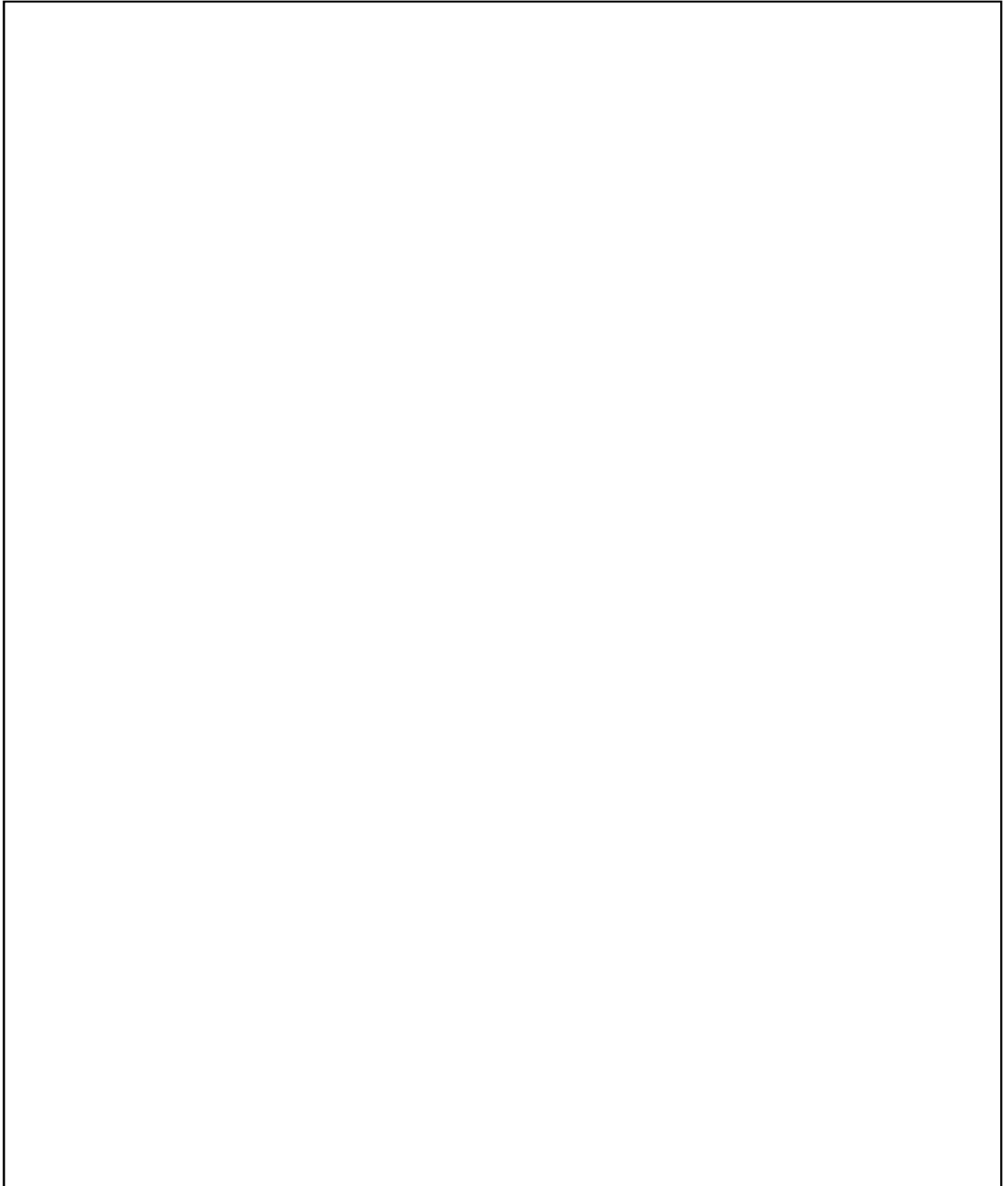


Caderno de leitura literária:
“Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel”

Proezas de João Grilo (João Ferreira de Lima)



Sumário

I Etapa: Motivação (3h/a de 50 min).....	5
II Etapa: Introdução (3h/a de 50 min)	8
III Etapa: Leitura (3h/a de 50 min).....	22
IV - Etapa – Interpretação - Momento Interior (2h/a de 50 min).....	28
Referências	35

Caderno de leitura literária:

“Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel”

Apresentamos o Caderno de leitura literária: “Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel”. Este caderno, que se constitui de uma proposta pedagógica para o trabalho com literatura literária de cordel aplicado em uma turma de 7º Ano do Ensino Fundamental II, é resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de mestre, do PROFLETRAS da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus de Itabaiana/SE.

O trabalho fundamenta-se em uma prática de leitura subjetiva, permeada por aspectos da cultura popular e do humor expressos na esperteza e na malandragem da personagem *João Grilo*, do cordel *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira Lima. Nele constam o texto *Proezas de João Grilo*; considerações sobre o cordel; leitura; trabalho com a linguagem informal, outros aspectos da linguagem; interpretação e produção textual; questões referentes ao humor e outros recursos do texto poético.

Com o intuito de melhor esquematizar o nosso trabalho, seguimos a *Sequência básica do letramento literário* de Cosson (2014), distribuída em 4 etapas: *motivação*; *introdução*, *leitura* e *interpretação*. Pensando também na necessidade de acompanhar a nossa prática pedagógica, adotamos a pesquisa-ação de (THIOLLENT, 2002), em que o pesquisador faz acompanhamento e avaliações dos fatos apresentados, buscando resolução do problema ou da ampliação do conhecimento sobre a existência do problema,

Desse modo, acreditamos contribuir com a prática docente a partir de abordagens que levem à apropriação e à resignificação do texto por parte do discente inserido na cultura popular, em um processo que constitui o chamado “texto do leitor”, conforme assinala Anne Rouxel.

Carinhosamente,

Josivânia da Silva Santos Costa
(Autora)

Caderno de leitura literária:

“Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel”

Cronograma das aulas para o cordel

Proezas de João Grilo (João Ferreira de Lima)

Motivação (Aulas 1ª a 4ª)	Preparação dos alunos para receber o texto literário. Inicialmente entregaremos aos alunos o caderno de atividades onde constam o texto <i>Proezas de João Grilo</i> e as atividades a serem desenvolvidas, em seguida, faremos uma breve consideração sobre o cordel, enfatizando aspectos históricos. Apresentaremos, na sequência, uma tirinha da personagem de “Chico Bento” e uma piada (vídeo). O objetivo, nesse momento, é a identificar a presença do humor nos dois gêneros, bem como promover uma discussão sobre as variedades linguísticas e a adequação de uso dessas modalidades ao contexto. Por último, solicitaremos relatos de vivências da comunidade: poesia oral, que podem ser: embolada, repentes, quadras e outras coletadas na comunidade.
Introdução (Aulas 5ª a 8ª)	Faremos apresentação da obra e do autor, João Ferreira de Lima e, em seguida, uma breve discussão sobre o porquê da escolha do gênero cordel, sobre processo de produção do folheto na região nordeste. Abordaremos o uso das xilogravuras e as dificuldades dos cordelistas de utilizarem outros recursos gráficos para a ilustração dos cordéis. Posteriormente, recolheremos as vivências, solicitadas aos alunos na aula passada, e faremos uma exposição no mural da escola. Posteriormente, solicitaremos uma pequena produção de texto, em que o aluno apresente seu ponto de vista sobre a importância do cordel na divulgação da história do Nordeste. Por último, estabeleceremos o prazo de leitura, que ocorrerá em dois intervalos.
Leitura – 1º intervalo (Aulas 9ª a 13ª)	A obra será lida da 1ª à 60ª estrofe. Ouviremos uma versão declamada, por uma idosa, em vídeo, do cordel <i>No tempo que os bichos falavam</i> , cujo autor é desconhecido. Na sequência, faremos a transcrição do poema. O objetivo é registrá-lo, pela primeira vez, em língua escrita, e, ao mesmo tempo, fazer com que os alunos percebam recursos da linguagem poética, como a fabulação de comportamentos tão comuns à vida humana. Em seguida, faremos uma explanação sobre a esperteza, a malandragem, as desavenças e atitudes moralizante, também presentes em <i>Proezas de João Grilo</i> .
Leitura – 2º intervalo (Aulas 14ª a 15ª)	Serão lidas as demais estrofes do poema. Escolheremos algumas delas para praticar a fluência leitora. Em seguida, explanaremos alguns recursos estruturais: temáticos e estilísticos do cordel.
Interpretação – Momento interior (Aulas 16ª a 19ª)	Votaremos nossas atividades para o texto em si, com o objetivo de promover o diálogo entre leitor e texto, de modo a esclarecer dúvidas que possam existir. Trabalharemos com a estrutura da narrativa; exploração das temáticas; emprego das variantes linguísticas; pesquisa ao dicionário dos significados das palavras; contextualização dos temas. Solicitaremos uma atividade escrita em que os alunos se posicionem criticamente sobre as atitudes que julguem mais inusitadas de João Grilo.
Interpretação – Momento externo (Aulas 20ª a 24ª)	Serão apresentadas atividades em que constam o entendimento, por meio de exploração de temáticas abordadas na obra <i>Proezas de João Grilo</i> : resumo; produção e declamação de poemas; encenação de trechos do cordel e momento de autógrafo dos autores dos poemas.

Aluno (a): _____ Turma: _____

Caderno de leitura literária:

“Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel”

Proezas de João Grilo (João Ferreira de Lima)

Josivânia da Silva Santos Costa

Olá, garoto (a)!

Estudaremos um gênero de poesia popular chamado CORDEL. Você conhece o cordel? Vamos ajudar a você a definir esse gênero.

O cordel nordestino tem como berço a Paraíba. Inicialmente o gênero foi chamado de folheto. O cordel teve sua origem nas cantorias de violeiros. No final do século XIX é que começa a surgir a produção dos cordéis, quando o homem da zona rural vai para a cidade e lá, de modo rústico, inicia a produção (escrita) dos chamados folhetos.

Desde sempre, o cordel retratou temas bem inusitados como: as histórias de vida do pobre e do rico, dos homens valentes, de mocinhas indefesas, as canções dos violeiros e repentistas que andavam pelas fazendas animando as festas e desafiando outros cantadores. O cordel também retrata as histórias de príncipes e de princesas de reinos distantes e ainda outros temas tão curiosos, como o diálogo entre os bichos, suas intrigas e armações, bem como espertezas e malandragens de personagens como João Grilo.

Tudo era contado de um jeito bem particular, considerando o modo de falar do poeta, suas marcas de oralidade... O cordel retrata um mundo fantástico ao qual só a literatura pode nos levar. Você é o (a) nosso (a) convidado (a) especial a entrar nesse vagão rumo ao mundo da fantasia do cordel. Venha conosco participar de uma grande aventura!

Como você já pode ter percebido, um ingrediente não poderia faltar a essa panela do cordel, não é? Isso mesmo: o humor! O humor permeia as narrativas cordelistas e é o que mais atrai o leitor, pois até histórias tristes, marcadas pela pobreza, de marginalização e de denúncia social, ganham um ar de alívio e comicidade.

Vamos conhecer um cordel cujo título é: *Proezas de João Grilo*.

E aí, gostou do título? Você vai gostar muito mais da história. Garanto!

“Vambora”!!!

I Etapa: Motivação (4h/a de 50 min)

1º Bloco – Leia a tirinha e, em seguida, assista ao vídeo PIADA Tunes – O fiscal, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WONI32FT_xE> para responder às atividades referentes à interpretação do texto.

Além dos aspectos verbais, palavra, pontuação, variantes linguísticas, é importante estarmos atentos aos elementos extralinguísticos - expressões corporais das personagens e outras imagens - que se unem às palavras para completarem o sentido do texto.



É hora de leitura

Turma da Mônica Mauricio de Sousa



Disponível em: <<http://gustavoinfol.blogspot.com.br/2013/09/quadrinhos-do-chico-bento-proibido.html>>. Acesso em: 20 ago.2017.



Prática de oralidade

- 1) Responda oralmente. O que mais chamou a sua atenção nos textos? Por quê?
- 2) No 3º quadrinho, a expressão do rosto do Nhô Lau induz a uma resposta por parte de Chico Bento que denota:
 - (A) um insulto.
 - (B) uma tentativa de disfarce .
 - (C) um argumento de defesa.
 - (D) um desabafo.

3) Ao cumprimentar o criador de porcos por ocasião da segunda visita, o fiscal pergunta: “... Seu Benedito, lembra de mim?”. A resposta obtida foi: “E dava pra esquecer?!”. A resposta de Seu Benedito denota:

- (A) satisfação, pois Seu Benedito ficou entusiasmado com a primeira visita do fiscal.
- (B) que os dois já se conheciam, por isso não necessita de apresentações.
- (C) que Seu Benedito não esqueceu o prejuízo que havia tomado por ocasião da primeira visita do fiscal.
- (D) que durante a segunda visita, Seu Benedito “daria o troco ao fiscal”, vingando-se pelo prejuízo que este o causara por ocasião da primeira visita.



Perscrutando o humor

4) O que é humor para você?

5) Em que momento ocorre o humor na piada?

6) Em que momento ocorre o humor na tirinha?



De olho na linguagem e no sentido!

2º Bloco: Atente-se às marcas das variações linguísticas apresentadas pelos textos e responda às questões.

1) O nível informal da língua, presente no modo de falar entre familiares e amigos, no dia a dia, em situações informais, subdivide-se em diversas variedades. Dentre elas, uma foi utilizada para o registro escrito da fala do Chico Bento:

- (A) a variedade histórica
- (B) a variedade de gênero
- (C) a variedade de prestígio
- (D) a variedade coloquial

2) O diálogo entre o fiscal e o criador de porcos na piada mostra que há uma diferença no modo de falar das duas personagens. A quais fatores podemos atribuir essa variação na fala das personagens?

3º Bloco: Considere a grafia das palavras e o contexto em que estão empregadas.

1) Na linguagem coloquial de Chico Bento, “mas” é “mais”. A conjunção “mas” expressa relação de oposição a algo dito anteriormente. Considerando os recursos linguísticos e extralinguísticos da tirinha, que provável pensamento passou na cabeça de Chico Bento ao contemplar a fisionomia de Nhô Lau, para que tenha utilizado a conjunção “mais”?

- (A) Uma bronca, por não haver respeitado a placa de proibição.
- (B) Felicitações por ter alcançado as goiabas sem subir na goiabeira.
- (C) Uma reclamação por estar fazendo o Zé Lelé de escada.
- (D) Uma expressão da reação de orgulho pela obediência de Chico Bento.

2) Assinale a alternativa em que “num” tem o mesmo sentido do apresentado na tirinha.

- (A) Num dia de sol, a gente foi cumê goiaba.
- (B) Meu amigo subiu num pé de goiaba.
- (C) Num instante Nhô Lau chegou.
- (D) Zé Lelé ainda num me derrubou.

3) Ao ligarem orações, as conjunções estão exprimindo uma relação de sentido, de modo a auxiliar na promoção da coesão e da coerência do texto. A conjunção “mais” (com valor de “mas”) usada por Chico Bento expressa relação de:

- (A) adição
- (B) conclusão
- (C) adversidade
- (D) alternância



Hora de produzir!

4º Bloco: Durante as férias na casa de Chico Bento, os primos costumam contar, uns para os outros, as aventuras que viveram enquanto estavam distantes. Produza um diálogo entre Chico Bento e seu primo da cidade. Uma sugestão é que Chico Bento conte o episódio das goiabas do Nhô Lau vivido com Zé Lelé. Observe as variações linguísticas entre o modo de falar das pessoas que moram na cidade e o de Chico Bento, que vive no campo.

5º Bloco: Atividade de casa – Converse com familiares, amigos, vizinhos sobre o que eles sabem de versos populares, cantigas de roda, emboladas, parlendas ou outras vivências. Registre-as em seu caderno e as traga para que possamos reestruturá-las e afixá-las em um mural.

II Etapa: Introdução (4h/a de 50 min)

1º Bloco: Vamos sondar a obra, por meio das gravuras e elementos verbais apresentados na capa. Conhecer um pouco da história do autor pode nos ajudar a compreender a obra. Seja investigativo, observe os detalhes das gravuras das capas, associe-os ao título. Observe algumas das capas de edições diferentes do cordel *Proezas de João Grilo* e capas de outros cordéis dos quais João Grilo foi protagonista. Observe também a foto e a biografia do autor.



Disponível em: <<http://blogkairu.blogspot.com/2016/08/proezas-de-joao-grilo-segunda-parte.html>>. . Acesso em 04 abr. 2017.



Disponível em: <<http://blogkairu.blogspot.com/2015/11/palhacadas-de-joao-grilo.html>> Acesso em: 15 abr. 2017.

João Grilo, personagem protagonista do cordel a ser lido, foi tema para vários outros autores. Quem não se lembra do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna? Estava lá João Grilo, o próprio, e suas peripécias. Veja mais duas obras com a personagem.



Disponível em: <<https://marcohaurelio.blogspot.com/2011/06/um-folheto-de-cordel-e-possivel-origem.html>> Acesso em 04 abr. 2018.



Disponível em: <<http://marcohaurelio.blogspot.com/2013/08/o-retorno-de-joao-grilo.html>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

O autor: João Ferreira de Lima



Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/5Ds1OukwV4g/maxresdefault.jpg>> . Acesso em 15 abr. 2017.

João Ferreira de Lima nasceu em 1902, em Pernambuco, e faleceu em 1973 no mesmo estado. Foi um poeta conceituado e apreciado, era também astrólogo. O *Almanaque de Pernambuco*, publicação muito popular, era de sua autoria. Várias de suas composições estão entre as melhores antologias do gênero. Sua biografia está no *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, organizado por Átila de Almeida e José Alves Sobrinho.

Como obras destacadas *O casamento de Chico e Tingole e Maria Fumaça*, *História de Mariquinha e José de Souza Leão*, *O pinto pelado*, *Discussão de um matuto com um fiscal*, *O aparecimento do Pe. Cícero Romão ao Pe. Frei Damiao*, *no Juazeiro da Bahia*, dentre outras renomadas.

Eis *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima. Um cordel, cuja personagem principal, João Grilo, retrata o nordestino pobre e excluído, arrasado pelas consequências da seca, mas que enfrenta as dificuldades com bom humor. João Grilo não se submete aos desmandos de superiores, poderosos e representantes religiosos. Sua personagem, além de cômica, apresenta também uma vertente de denúncia social.

Proezas de João Grilo (João Ferreira de Lima)

João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois da hora
Pelas artes que fazia.

E nasceu de sete meses
Chorou no bucho da mãe
Quando ela pegou um gato

Ele gritou: – Não me arranhe
Não jogue neste animal
Que talvez você não ganhe!

Na noite que João nasceu
Houve um eclipse na lua
E detonou um vulcão
Que ainda continua
Naquela noite correu
Um lobisomem na rua.

Assim mesmo ele criou-se
Pequeno, magro e sambudo
As pernas tortas e finas
E a boca grande e beíçudo
No sítio onde morava
Dava notícia de tudo.

João perdeu o seu pai
Com sete anos de idade
Morava perto de um rio
Ia pescar toda tarde
Um dia fez uma cena
Que admirou a cidade.

O rio estava de nado
Vinha um vaqueiro de fora
Perguntou: – Dará passagem?
João Grilo disse: – Inda agora
O gadinho do meu pai
Passou com o lombo de fora.

O vaqueiro bota o cavalo
Com uma braça deu nado
Foi sair já muito embaixo
Quase que morre afogado
Voltou e disse ao menino:
Você é um desgraçado.

João Grilo foi ver o gado
Para provar aquele ato
Veio trazendo na frente
Um bom rebanho de pato
Os pássaros passaram n'água
João provou que era exato.

Um dia a mãe de João Grilo
Foi buscar água à tardinha
Deixando João Grilo em casa
E, quando deu fé, lá vinha
Um padre pedindo água
Nessa ocasião não tinha

João disse; só tem garapa;
Disse o padre; Onde é?
João Grilo lhe respondeu;
É do engenho catolé;
Disse o padre: pois eu quero;
João trouxe numa coité.

O padre bebeu e disse:
Oh! que garapa boa!
João Grilo disse: quer mais?
o padre disse: – E a patroa
Não brigará com você?
João disse: – Tem uma canoa!

João trouxe uma coité
Naquele mesmo momento
Disse ao padre: – Beba mais
Não precisa acanhamento
Na garapa tinha um rato
Tava podre e fedorento!

O padre disse: – Menino
Tenha mais educação
E por que não me disseste?
Oh! natureza do cão!
Pegou a dita coité
Arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: Danou-se!
Misericórdia, São Bento!
Com isto mamãe se dana
Me pague mil e quinhentos
Essa coité, seu vigário,
É de mamãe mijar dentro!

O padre deu uma popa
Disse para o sacristão:
– Esse menino é o diabo
Em figura de cristão!
Meteu o dedo na goela
Quase vomita um pulmão.

João Grilo ficou sorrindo
Pela cilada que fez
Dizendo: - Vou confessar-me
No dia sete do mês
Ele nunca confessou-se
Foi essa a primeira vez.

João Grilo tinha um costume
Pra toda parte que ia
Era alegre e satisfeito
No convívio de alegria
João Grilo fazia graça
Que todo mundo sorria.

Num dia de sexta-feira
Às cinco horas da tarde
João Grilo disse: – Hoje à noite
Eu assombro aquele padre
Se ele não perdoar-me
Na igreja há novidade...

Pegou uma lagartixa
Amarrou pelo gogó
Botou-a numa caixinha
No bolso do paletó
Foi confessar-se João Grilo
Com paciência de Jó.

Às sete horas da noite
Foi ao confessionário
Fez logo o pelo sinal
Posto nos pés do vigário
O padre disse: – Acuse-se!
João disse o necessário.

Eu sou aquele menino
Da garapa e do coité;
O padre disse: – Levante-se
Que já sei você quem é;
João tirou a lagartixa
Soltou-a junto do pé.

A largatixa subiu
Por debaixo da batina
Entrou na perna da calça
Tornou-se feia a buzina
O padre meteu os pés
Arrebentou a cortina.

Jogou a batina fora
Naquela grande fadiga
A lagartixa cascuda
Arranhando na barriga
João Grilo de lá gritava:
– Seu padre, Deus lhe castiga!

O padre impaciente
Naquele turututu
Saltava pra todo lado
Que parecia um timbu
Terminou tirando as calças
Ficou o esqueleto nu.

João disse: – Padre é homem
Pensei que fosse mulher
Anda vestido de saia
Não casa porque não quer
Isso é que é ser caviloso
Cara de matar bebé!

O padre disse: – João Grilo
Vai-te daqui infeliz!
João Grilo disse: - Bravo
Ao vigário da matriz:
É assim que ele me paga
O benefício que fiz?

João Grilo foi embora
O padre ficou zangado
João Grilo disse: - Ora, sebo,
Eu não aliso c'roado
Vou vingar-me duma raiva
Que eu tive ano passado.

No subúrbio da cidade
Morava um português
Vivia de vender ovos
Justamente nesse mês
Denunciou de João Grilo
Pelas artes que ele fez.

João encontrou o português
Com a égua carregada
Com duas caixas de ovos
João disse-lhe: – Oh! camarada,
Deixa eu dizer à tua égua
Uma pequena charada.

O português disse: – Diga;
João chegou bem no ouvido
Com a ponta do cigarro
Soltou-a dentro escondido
A égua meteu os pés
Foi temeroso estampido.

Derrubou o português
Foi ovos pra todo lado
Arrebentou a cangalha
Ficou o chão ensopado
O português levantou-se
Tristonho e todo melado.

O português perguntou:
– O que foi que tu disseste
Que causou tanto desgosto
A este anima Agreste?
– Eu disse que a mãe morreu;
O português respondeu:
– Oh égua besta da peste!

João Grilo foi à escola
Com sete anos de idade
Com dez anos ele saiu
Por espontânea vontade
Todos perdiam pra ele
Outro Grilo como aquele
Perdeu-se a propriedade.

João Grilo em qualquer escola
Chamava o povo atenção
Passava quinau nos mestres
Nunca faltou com a lição
Era um tipo inteligente
No futuro e no presente
João dava interpretação.

Um dia perguntou ao mestre:
– O que é que Deus não vê
O homem vê a qualquer hora

Disse ele: – Não pode ser
Pois Deus vê tudo no mundo
Em menos de um segundo
De tudo pode saber.

João Grilo disse: – Qual nada
Quede os elementos seus?
Abra os olhos, mestre velho
que vou lhe mostrar os meus
Seus estudos se consomem
Um homem vê outro homem
Só Deus não vê outro Deus”

João Grilo disse: – Seu mestre
Me diga como se chama
A mãe de todas as mães
Tenha cuidado no drama
O mestre coça a cabeça
disse: – Antes que me esqueça
Vou resolver o programa.

A mãe de todas as mães
É Maria Concebida!
João Grilo disse: – Eu protesto
Antes dela ser nascida
Já esta mãe existia
Não foi a Virgem Maria
Oh! que resposta perdida.

João Grilo disse depois
Num bonito português:
– A mãe de todas as mães
Já disse e digo outra vez
Como a escritura ensina
É a natureza divina
Que tudo criou e fez.

– Me responde, professor
Entre grandes e pequenos
Quero que fique notável
Por todos nossos terrenos
Responda com rapidez
Como se chama o mês
Que a mulher fala menos?

– Esse mês eu não conheço
Quem fez esta tabuada?
João Grilo lhe respondeu:
– Ora, sebo, camarada
Pra mim perdeu o valor
Ter nome de professor
Mas não conhece de nada

– Este mês é fevereiro
Por todos bem conhecido

Só tem vinte e oito dias
O tempo mais resumido
Entre grandes e pequenos
É o que a mulher fala menos
Mestre, você tá perdido.

– Seu professor, me responda
Se algum tempo estudou
Quem serviu a Jesus Cristo
Morreu e não se salvou
No dia em que ele morreu
Seu corpo urubu comeu
E ninguém o sepultou?

– Não conheço quem é esse
Porque nunca vi escrito;
João Grilo lhe respondeu:
– Foi o jumento, está dito
Que a Jesus Cristo servia
Na noite em que ele fugia
De Belém para o Egito

João Grilo olhou para o lado
Disse para o diretor
– Este mestre é um quadrado
Fique sabendo o senhor
Sem dúvida exame não fez
O aluno desta vez
Ensinou ao professor.

João Grilo foi para casa
Encontrou sua mãe chorando
Ele então disse: – Mamãe
Não está ouvindo eu cantando?
Não chore, cante mais antes
Pois o seu filho garante
Pra isso vive estudando .

A mãe de João Grilo disse:
– Choro por necessidade
Sou uma pobre viúva
E tu de menor idade
Até da escola saíste;
João disse: – Ainda existe
O mesmo Deus de bondade.

– A senhora pensa em carne
A cinco mil réis o quilo,
ou talvez no meu destino
Que à força hei de segui-lo
– Não chore, fique bem certa
A senhora só se aperta
Quando matarem João Grilo.

João Grilo chegou no rio
Às cinco horas da tarde
Passou até nove horas
Porém inda foi debalde
Na noite triste e sombria
João Grilo sem companhia
Voltava sem novidade.

Chegando dentro da mata
OuvIU lá dentro um gemido
Dois lobos devoradores
O caminho interrompido
E trepou-se num pinheiro
Como era forasteiro
Ficou ali escondido.

Os lobos foram embora
E João não quis descer
Disse: – Eu dormirei aqui
Sucedá o que suceder
Eu hoje imito arapuã
Só vou embora amanhã
Quando o dia amanhecer.

O Grilo ficou trepado
Temendo lobos e leões
Pensando na fatal sorte
E recordando as lições
Que na escola estudou
Quando de súbito chegou
Uns quatro ou cinco ladrões.

Eram uns ladrões de Meca
Que roubavam no Egito
Se ocultavam na mata
Naquele bosque esquisito
Pois cada um de per si
Que vinha juntar-se ali
Pra ver quem era perito.

O capitão dos ladrões
Disse: – Não fala ninguém?
Um respondeu: – Não senhor.
Disse ele: – Muito bem
Cuidado não roubem vã
Vamos juntar-nos amanhã
Na capela de Belém.

Lá partiremos o dinheiro
Pois aqui tudo é graúdo
Temos um roubo a fazer
Desde ontem que estudo
Mas já estou preparado;
E o Grilo lá trepado
Calado escutando tudo.

Os ladrões foram embora
Depois da conversação
João Grilo ficou ciente
dizendo a seu coração:
– Se Deus ajudar a mim
Acabou-se o tempo ruim
Sou eu quem ganho a questão.

João Grilo desceu da árvore
Quando o dia amanheceu
Mas quando chegou em casa
Não contou o que se deu
Furtou um roupão de malha
Vestiu, fez uma mortalha
Lá no mato se escondeu.

À noite foi pra capela
Por detrás da sacristia
Vestiu-se com a mortalha
Pois na capela jazia
Sempre com a porta aberta
João partiu na certa
Colher o que pretendia.

Deitou-se lá num caixão
Que enterravam defunto
João Grilo disse: – Hoje, aqui
Vou ganhar um bom presunto;
Os ladrões foram chegando
E João Grilo observando
Sem pensar em outro assunto.

Acenderam um farol
Penduraram numa cruz
Foram contar o dinheiro
No claro deu uma luz
João Grilo de lá gritou:
– Esperem por mim que eu vou
Com as ordens de Jesus!

Os ladrões dali fugiram
Quando viram a alma em pé
João Grilo ficou com tudo
Disse: – Já sei como é
Nada no mundo me atrasa
Agora vou para casa
Tomar um rico café!

Chegou e disse: – Mamãe
Morreu nossa precisão
O ladrão que rouba outro
Tem cem anos de perdão;
Contou o que tinha feito
Disse a velha: – Está direito
Vamos fazer refeição.

Bartolomeu do Egito
Foi um rei de opinião
Mandou convidar João Grilo
Pra uma adivinhação
João Grilo disse: eu vou;
No outro dia embarcou
Para saudar o sultão.

João Grilo chegou na corte
Cumprimentou o sultão
Disse: – Pronto, senhor rei
(deu-lhe um aperto de mão)
Com calma e maneira doce
O sultão admirou-se
Da sua disposição.

O sultão pergunta ao Grilo:
– De onde você saiu?
Aonde você nasceu?
João fitou ele e sorriu
– Sou deste mundo d’agora
Nasci na ditosa hora
Em que minha mãe me pariu!

João Grilo, tu adivinha?
O Grilo respondeu: – Não,
Eu digo algumas coisas
Conforme a ocasião
Quem canta de graça é galo
Cangalha só pra cavalo
E seca só no sertão.

– Eu tenho doze perguntas
Pra você me responder
No prazo de quinze dias,
Escute o que vou dizer
Veja lá como se arruma
É bastante faltar uma
Tá condenado a morrer!

João Grilo disse: – Estou pronto
Pode dizer a primeira
Se acaso sair-me bem
Venha a segunda e a terceira
Venha a quarta e a quinta
Talvez o Grilo não minta
Diga até a derradeira.

Perguntou: – Qual o animal
Que mostra mais rapidez
Que anda de quatro pés
De manhã por sua vez
Ao meio-dia com dois
Passando disto depois
À tarde anda com três?

O Grilo disse: – É o homem
Que se arrasta pelo chão
No tempo que engatinha
Depois toma posição
Anda em pé e bem seguro
Mas quando fica maduro
Faz três pés com o bastão.

O sultão maravilhou-se
com sua resposta linda
João disse: – Pergunte outra
Vou ver se respondo ainda!
A segunda o sultão fez
– João Grilo daquela vez
Celebrizou sua vinda.

– Grilo, você me responda
Em termos bem divididos
Uma cova bem cavada
Doze mortos estendidos
E todos mortos falando
Cinco vivos passeando
Trabalham com três sentidos.

– Esta cova é a viola
Com prima, baixa e bordão
Mortas são as doze cordas
Quando canta um cidadão
Canta, toca, faz um verso
Cinco vivos num progresso
Os cinco dedos da mão.

Houve uma salva de palmas
Com vivas que retumbou
O sultão ficou suspenso
Seu viva também bradou
E depois pediu silêncio
Com outro desejo imenso
A terceira perguntou:

João Grilo, qual é a coisa
Que eu mandei carregar
Primeiro dia e segundo
No terceiro fui olhar
Quase dá-me a tiririca
Se tirar, mais grande fica
Não míngua, faz aumentar?

– Senhor rei, sua pergunta
Parece me fazer guerra,
Um Grilo não tem saber
Criado dentro da serra
Mas digo pra quem conhece
O que tirando mais cresce
É um buraco na terra.

João Grilo, vou terminar
As perguntas do tratado
O Grilo disse: – Pergunte,
Quero ficar descansado...
Disse o rei: é muito exato
O que é que vem do alto
Cai em pé, corre deitado?

Aquele que cai em pé
E sai correndo pelo chão
Será uma grande chuva
Nos barros de um sertão;
O rei disse: – Muito bem
No mundo inteiro não tem
Outro Grilo como João.

– João Grilo, você bebe?
João disse: – Bebo um pouquinho
E disse: – Eu não sou filho
de Baco que fez o vinho
O meu pai morreu bebendo
E eu o que estou fazendo?
Sigo no mesmo caminho.

O rei disse: – João Grilo
Beber é coisa ruim...
O Grilo respondeu: – Qual
O meu pai dizia assim:
“Na casa de seu Henrique
Zelam bem um alambique
melhor do que um jardim!”

O rei disse: – João Grilo
Tua fama é um estrondo
João Grilo disse: – Eu sabendo,
O que perguntar, respondo;
disse o rei enfurecido:
– O que tem o pé comprido
E faz o rastro redondo?

– Senhor rei, tenho lembrança
Do tempo da minha avó
Que ela tinha um compasso
Na caixa do bororó
Como esse eu também ando
Fazendo o rastro redondo
Andando com uma perna só.

– João, qual é o bicho
Que passa pela campina
A qualquer hora da noite
Andando de lamparina?
– É um pequeno animal
Tem luz artificial;
Veja o que determina...

Esse bicho eu já vi
Pois eu tinha de costume
De brincar sempre com ele
Minha mãe tinha ciúme
Ele andava pelo campo
Uns chamavam pirilampo
E outros de vagalume.

O rei já tinha esgotado
A sua imaginação
Não achou uma pergunta
Que interrompesse a João
Disse: – Me responda agora
Qual é o olho que chora
Sem haver consolação?

O Grilo então respondeu:
– Lá muito perto da gente
Tem um outeiro importante
Um moço muito doente
suas lágrimas têm paladar
Quem não deixa de chorar
É o olho d’água de vertente.

O rei inventou um truque
do jeito que lhe convinha:
– Vou arrumar uma cilada
Pra ver se João adivinha;
Mandou vir um alçapão
Fez outra adivinhação
Escondeu uma bacorinha.

– João, o que é que tem
dentro desse alçapão?
Se não disser o que é
Morrerá, não tem perdão;
João Grilo lhe respondeu:
– Quem mata um como eu
não tem dó no coração.

João lhe disse: – Esse objeto
Nem é manso nem é brabo
Nem é grande nem pequeno
Nem é santo nem é diabo
Bem que mamãe me dizia
Que eu ainda caía
Onde a porca torce o rabo.

Trouxeram uma bandeja
Ornada com muitas flores
Dentro dela uma latinha
Cheia de muitos fulgores
O rei lhe disse: – João Grilo
É este o último estrilo
Que rebenta tuas dores.

João Grilo desta vez
 Passou na última estica
 Adivinhar uma coisa
 Nojenta que se pratica
 Fugir da sorte mesquinha
 Pois dentro da lata tinha
 Um pouquinho de “xinica”

O rei disse: – João Grilo,
 Veja se escapa da morte;
 O que tem nessa latinha?
 Responda se tiver sorte;
 Toda aquela populaça
 Queria ver a desgraça
 Do Grilo franzino e forte.

– Minha mãe profetizou
 Que o futuro é minha perda
 – Dessas adivinhações
 Brevemente você herda;”
 Faz de conta que já vi,
 Como está hoje aqui
 Parece que dá em merda.

O rei achou muita graça
 Nada teve o que fazer
 João Grilo ficou na corte
 Com regozijo e prazer
 Gozando um bom paladar
 Foi comer sem trabalhar
 Desta data até morrer.

E todas as questões do reino
 Era João que deslindava
 Qualquer pergunta difícil
 Ele sempre decifrava
 Julgamentos delicados
 Problemas muito enrascados
 Era João que desmanchava.

Certa vez chegou na corte
 Um mendigo esfarrapado
 Com uma mochila nas costas
 Dois guardas de cada lado
 Seu rosto cheio de mágoa
 Os olhos vertendo água
 Fazia pena o coitado.

Junto dele estava um duque
 Que veio o denunciar
 Dizendo que o mendigo
 Na prisão ia morar
 Por não pagar a despesa
 Que fizera com afoiteza
 Sem ninguém lhe convidar.

João Grilo disse ao mendigo:
 – E como é, pobretão
 Que se faz uma despesa
 Sem ter no bolso um tostão?
 Me conte todo o passado
 Depois de ter-lhe escutado
 Lhe darei razão ou não.

Disse o mendigo: – Sou pobre
 E fui pedir uma esmola
 Na casa do senhor duque
 E levei minha sacola
 Quando cheguei na cozinha
 Vi cozinhando galinha
 Numa grande caçarola.

– Como a comida cheirava
 Eu tive apetite nela
 Tirei um taco de pão
 E marchei pro lado dela
 E sem pensar na desgraça
 Botei o pão na fumaça
 Que saía da panela.

O cozinheiro zangou-se
 Chamou logo seu senhor
 Dizendo que eu roubara
 Da comida seu sabor
 Só por eu ter colocado
 Um taco de pão mirrado
 Aproveitando o vapor...

– Por isso fui obrigado
 A pagar esta quantia
 Como não tive dinheiro
 O duque, por tirania
 Mandou trazer-me escoltado
 Pra depois de ser julgado
 Ser posto na enxovia.

João Grilo disse: – Está bem,
 Não precisa mais falar;
 Então pergunto ao duque:
 – Quanto o homem vai pagar?
 – Cinco coroas de prata
 Ou paga, ou vai pra chibata
 Não lhe deve perdoar!

João Grilo tirou do bolso
 A importância cobrada
 Na mochila do mendigo
 Deixou-a depositada
 E disse para o mendigo:
 – Balance a mochila, amigo
 Pro duque ouvir a zoadá.

O mendigo sem demora
 Fez como o Grilo mandou
 Pegou sua mochilinha
 Com a prata balançou
 Sem compreender o truque
 Bem no ouvido do duque
 O dinheiro tilintou.

Disse o duque enfurecido:
 – Mas não recebi o meu;
 Diz Grilo: – Sim senhor,
 E isto foi o que valeu
 Deixe de ser batoteiro
 O tinido do dinheiro
 O senhor já recebeu.

– Você diz que o mendigo
 Por ter provado o vapor
 Foi mesmo que ter comido
 Seu manjar e seu sabor
 Pois também é verdadeiro
 Que o tinir do dinheiro
 Represente seu valor.

Virou-se para o mendigo
 E disse: – Estás perdoado
 Leva o dinheiro que dei-te
 Vai pra casa descansado!
 O duque olhou para o Grilo
 Depois de dar um estrilo
 Saiu por ali danado.

A fama então de João Grilo
 Foi de nação em nação,
 Por sua sabedoria
 E por seu bom coração
 Sem ser por ele esperado
 Um dia foi convidado
 Pra visitar um sultão.

O rei daquele país
 Quis o reino embandeirado
 Pra receber a visita
 Do ilustre convidado
 O castelo estava em flores
 Cheios de grandes fulgores
 Ricamente engalanado.

As damas da alta corte
 Trajavam decentemente,
 Toda corte imperial
 Esperava impaciente
 Ou por isso ou por aquilo
 Para conhecer João Grilo
 Figura tão eminente.

Afinal chegou João Grilo
 No reinado do sultão
 Quando ele entrou na corte
 Foi grande decepção
 De paletó remendado
 Sapato velho furado
 Nas costas um matulão.

O rei disse: não é ele
 Pois assim já é demais;
 João Grilo pediu licença
 Mostrou-lhe as credenciais
 Embora o rei não gostasse
 Mandou que ele ocupasse
 Os aposentos reais.

Só se ouviam os cochichos
 Que vinham de todo lado
 As damas então diziam:
 É esse o homem falado?
 Duma pobreza tamanha
 E ele nem se acanha
 De ser nosso convidado!

Até os membros da corte
 Diziam num tom chocante:
 – Pensava que o João Grilo
 Fosse um tipo elegante
 Nos manda um remendado
 Sem roupa esfarrapado
 Um maltrapilho ambulante!

E João Grilo ouvia tudo
 Mas sem dar demonstração
 Em toda a corte real
 Ninguém lhe dava atenção
 Por mostrar-se esmolambado
 Tinha sido desprezado
 Naquela rica nação.

Afinal veio um criado
 Disse sem o fitar:
 – Já preparei o banheiro
 Para o senhor se banhar
 Vista uma roupa minha
 E depois vá na cozinha
 Na hora de almoçar.

João Grilo disse: – Está bem;
 Mas disse com seu botão:
 – Roupas finas trouxe eu
 Dento do meu matulão
 Me apresentei rasgado
 Para ver nesse reinado
 Qual era a minha impressão.

João Grilo tomou um banho
Vestiu uma roupa de gala
Então muito bem vestido
Apresentou-se na sala
Ao ver seu traje tão belo
Houve gente no castelo
Que quase perdia a fala.

E então toda repulsa
Transformou-se de repente
O rei chamou-o pra mesa
Como homem competente
Consigo dizia João:
– Na hora da refeição
Vou ensinar essa gente.

O almoço foi servido
Porém João não quis comer
Despejou vinho na roupa
Só para vê-lo escorrer
Ante a cômica estupefada
Encheu os bolsos de comida
Para todo mundo ver.

O rei muito aborrecido
Perguntou para João:
– Por qual motivo o senhor
Não come da refeição?
Respondeu João com maldade:
– Tenha calma, majestade
Digo já toda a razão.

– Esta mesa tão repleta
De tanta comida boa
Não foi posta para mim
Um ente vulgar, à toa;
Desde a sobremesa à sopa
Foram postas à minha roupa
E não à minha pessoa!

Os comensais se olharam
O rei pergunta espantado:
– Por que o senhor diz isto
Estando tão bem tratado?
Disse João: – Isso se explica
Por estar de roupa rica
Não sou mais esmolambado.

– Eu estando esmolambado
Ia comer na cozinha
Mas como troquei de roupa
Como junto da rainha
Vejo nisto um grande ultraje
Homenagem ao meu traje
E não à pessoa minha.

Toda corte imperial
Pedi desculpa a João
E muito tempo falou-se
Naquela dura lição
E todo mundo dizia
Que sua sabedoria
Igualava a Salomão.



Perscrutando o humor!

1 – O que o título da obra sugere?

2 – Associe o título à ilustração. O que pode ser retratado nessa obra? Imagine e depois escreva. Pode ser que João Grilo seja um garoto levado. Quem sabe justiceiro, medroso....

III Etapa: Leitura

Leitura da 1ª à 60ª estrofe.

(1º intervalo de leitura - 5h/a de 50 min)

1º Bloco: Agora vamos assistir à declamação do cordel *No tempo que os bichos falavam*, cujo autor é desconhecido. Quem fará a declamação é uma idosa com mais de setenta anos de idade, que decorou o cordel em sua infância. A declamação pode ser acessada pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=aq5Vgiew1_I> Acesso em: 04 abr. 2018.



Prática de oralidade!

2º Bloco – Vamos explorar o texto.

- 1) O que você achou de interessante nas estrofes ouvidas? Por quê?
- 2) Podemos perceber pelas atitudes das personagens do poema declamado as temáticas: espertezas e malandragem; moralismo; machismo; sensatez. Agora vamos associá-las às suas respectivas personagens.
- 3) Com quais temáticas dialogam os textos *No tempo que os bichos falavam* e *Proezas de João Grilo*?
- 4) Com quantos anos a senhora decorou os versos?
- 5) Se o vídeo tivesse sido gravado recentemente, quantos anos teriam se passado da época em que a senhora decorou a poesia até hoje?
- 6) O que podemos deduzir sobre a importância dos registros escritos ao ouvirmos declarações como: “*Eu tinha vários versos decorados ... mas o tempo foi passando, eu fui esquecendo*”?



De olho na linguagem e no sentido!

3º Bloco: A literatura promove essas possibilidades excepcionais, como o falar dos bichos e comportamentos semelhantes aos dos humanos, dentre outras.

- 1) Quando se atribuem características humanas aos animais irracionais, de qual recurso expressivo se faz uso?
 - (A) ironia
 - (B) personificação
 - (C) exagero
 - (D) assonância



Hora de produzir!

2) O que você acha dessa brincadeira de os bichos falarem? Isso seria possível? Como?



Hora de transcrever!

4º Bloco: Vamos transcrever o poema declamado. Ele ainda não foi escrito, é uma poesia oral, cujo autor não se conhece. Nós seremos os primeiros a registrá-lo. Obs.: O texto deve ser escrito em versos e em estrofes, por isso atenção às marcações da voz da declamadora.

[illegible]

Na noite que João nasceu
 Houve um eclipse na lua
 E detonou um vulcão
 Que ainda continua
 Naquela noite correu
 Um lobisomem na rua.

Assim mesmo ele criou-se
 Pequeno, magro e sambudo
 As pernas tortas e finas
 E a boca grande e beijado
 No sítio onde morava
 Dava notícia de tudo.

[...]

Um dia a mãe de João Grilo
 Foi buscar água à tardinha
 Deixando João Grilo em casa
 E, quando *deu fê*, lá vinha
 Um padre pedindo água
 Nessa ocasião não tinha

João disse; só tem garapa;
 Disse o padre; donde é?
 João Grilo lhe respondeu;
 É do engenho catolé;
 Disse o padre: pois eu quero;
 João trouxe numa coité.

O padre bebeu e disse:
 oh! que garapa boa!
 João Grilo disse: Quer mais?
 o padre disse: – E a patroa
 Não brigará com você?
 João disse: – Tem uma canoa!

João trouxe uma coité
 Naquele mesmo momento
 Disse ao padre: – Beba mais
 Não precisa acanhamento
 Na garapa tinha um rato
 Tava podre e fedorento!

O padre disse: – Menino
 Tenha mais educação
 E por que não me disseste?
 Oh! natureza do cão!

Pegou a dita coité
 Arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: danou-se!
 Misericórdia, São Bento!
 Com isto mamãe se dana
 Me pague mil e quinhentos
 Essa coité, seu vigário,
 É de mamãe mijar dentro!

O padre deu uma popa
 Disse para o sacristão:
 – Esse menino é o diabo
 Em figura de cristão!
 Meteu o dedo na goela
 Quase vomita um pulmão

[...]

João encontrou o português
 Com a égua carregada
 Com duas caixas de ovos
 João disse-lhe: – Oh! camarada,
 Deixa eu dizer à tua égua
 Uma pequena charada.

O português disse: – Diga;
 João chegou bem no ouvido
 Com a ponta do cigarro
 Soltou-a dentro escondido
 A égua meteu os pés
 Foi temeroso estampido.

Derrubou o português
 Foi ovos pra todo lado
 Arrebentou a cangalha
 Ficou o chão ensopado
 O português levantou-se
 Tristonho e todo melado.

O português perguntou:
 – O que foi que tu disseste
 Que causou tanto desgosto
 A este anima Agreste?
 – Eu disse que a mãe morreu;
 O português respondeu:
 – Oh égua besta da peste!

2º Bloco: Depois da leitura em voz alta e observadas a musicalidade e rimas, vamos “brincar” com poema.



De olho na linguagem e no sentido!

- 1) Tente decorar duas estrofes do poema.
- a) As rimas nas estrofes ajudam na memorização do poema? Apresente uma justificativa

- b) – As estrofes lidas são formadas por quantos versos?

- c) Selecione mais 3 estrofes e apresente a disposição das rimas.

[illegible]

2 - Depois de conhecer as peripécias de João Grilo, vamos responder:

a) – Considere que todas essas histórias vividas por João Grilo tivessem sido contadas sem os recursos poéticos, inclusive, sem serem permeadas pelo humor. Você se sentiria atraído por lê-las? Como ficaria o texto, em sua opinião?

IV - Etapa – Interpretação

Momento Interior (4h/a de 50 min)



De olho na linguagem e no sentido!

1º Bloco: Elementos da narrativa

1- Quem é o protagonista?

--

2 - Qual é o foco narrativo?

--

3 - Cite o nome de outros personagens que aparecem nas narrativas de *Proezas de João Grilo*

--

4 – Em qual tempo verbal o texto está narrado?

--



De olho na linguagem e no sentido!

2º Bloco: Releia às estrofes 12, 13, 14 e 15, 29, 30, 31 e 32 para responder às questões!

1 – Quais temáticas foram tratadas nessas estrofes?

2 – Que associação pode ser feita entre o título: *Proezas de João Grilo* e seu enredo?

3 – Como você acha que fica alguém que passou por uma situação igual à que viveu o padre?

4 – Como você define as atitudes de João Grilo?

Volte ao texto literário *Proezas de João Grilo* para responder às questões 5 e 6.

5 – Podemos dizer que o humor no texto resume-se ao fato de fazer rir?

6 – Identifique expressões no texto que representem variação regional.

7 – Sublinhe as palavras que você desconhece o sentido. Faça uma relação e pesquise seus significados no dicionário e em sites da internet.

[illegible]

3º Bloco – contextualização dos temas

1 - Leia os versos a seguir e responda:

Hora de leitura

[...]

O capitão dos ladrões
Disse: – Não fala ninguém?
Um respondeu: – Não senhor.
Disse ele: – Muito bem
Cuidado não roubem vã
Vamos juntar-nos amanhã
Na capela de Belém.

Lá partiremos o dinheiro
Pois aqui tudo é graúdo
Temos um roubo a fazer
Desde ontem que estudo
Mas já estou preparado;
E o Grilo lá trepado
Calado escutando tudo.

Os ladrões foram embora
Depois da conversação
João Grilo ficou ciente
dizendo a seu coração:
– Se Deus ajudar a mim
Acabou-se o tempo ruim
Sou eu quem ganho a questão.

João Grilo desceu da árvore
Quando o dia amanheceu
Mas quando chegou em casa
Não contou o que se deu
Furtou um roupão de malha
Vestiu, fez uma mortalha
Lá no mato se escondeu.

À noite foi pra capela
Por detrás da sacristia
Vestiu-se com a mortalha
Pois na capela jazia
Sempre com a porta aberta



João partiu na certa
Colher o que pretendia.

Deitou-se lá num caixão
Que enterravam defunto
João Grilo disse: – Hoje, aqui
Vou ganhar um bom presunto;
Os ladrões foram chegando
E João Grilo observando
Sem pensar em outro assunto.

Acenderam um farol
Penduraram numa cruz
Foram contar o dinheiro
No claro deu uma luz
João Grilo de lá gritou:
– Esperem por mim que eu vou
Com as ordens de Jesus!

Os ladrões dali fugiram
Quando viram a alma em pé
João Grilo ficou com tudo
Disse: – Já sei como é
Nada no mundo me atrasa
Agora vou para casa
Tomar um rico café!

[...]

O rei muito aborrecido
Perguntou para João:
– Por qual motivo o senhor
Não come da refeição?
Respondeu João com maldade:
– Tenha calma, majestade
Digo já toda a razão.

– Esta mesa tão repleta
De tanta comida boa
Não foi posta para mim
Um ente vulgar, à toa;
Desde a sobremesa à sopa

Foram postas à minha roupa
E não à minha pessoa!



De olho na linguagem e no sentido!

a) A esperteza de João Grilo era utilizada também em favor de sua **sobrevivência** e da **moralidade**. Em quais estrofes podemos observar essas temáticas respectivamente?



Hora de produzir!

b) Os versos a seguir do folheto *Proezas de João Grilo* apresentam alguma semelhança com fatos que ocorrem na vida real? Quais semelhanças você consegue perceber entre a ficção dos versos e a realidade? Redija um pequeno texto discorrendo sobre esse tipo de comportamento entre pessoas de nossa sociedade.

[...]

Afinal chegou João Grilo
No reinado do sultão
Quando ele entrou na corte
Foi grande decepção
De paletó remendado
Sapato velho furado
Nas costas um matulão.

O rei disse: não é ele
Pois assim já é demais;
João Grilo pediu licença
Mostrou-lhe as credenciais
Embora o rei não gostasse
Mandou que ele ocupasse
Os aposentos reais.

Só se ouviam os cochichos
Que vinham de todo lado
As damas então diziam:
É esse o homem falado?
Duma pobreza tamanha
E ele nem se acanha
De ser nosso convidado!

Até os membros da corte
Diziam num tom chocante:
– Pensava que o João Grilo
Fosse um tipo elegante
Nos manda um remendado
Sem roupa esfarrapado
Um maltrapilho ambulante!

E João Grilo ouvia tudo
Mas sem dar demonstração
Em toda a corte real
Ninguém lhe dava atenção
Por mostrar-se esmolambado
Tinha sido desprezado
Naquela rica nação.

Afinal veio um criado
Disse sem o fitar:
– Já preparei o banheiro
Para o senhor se banhar
Vista uma roupa minha
E depois vá na cozinha
Na hora de almoçar.

João Grilo disse: – Está bem;
 Mas disse com seu botão:
 – Roupas finas trouxe eu
 Dentro do meu matulão
 Me apresentei rasgado
 Para ver nesse reinado
 Qual era a minha impressão.

João Grilo tomou um banho
 Vestiu uma roupa de gala
 Então muito bem vestido
 Apresentou-se na sala
 Ao ver seu traje tão belo
 Houve gente no castelo
 Que quase perdia a fala.

E então toda repulsa
 Transformou-se de repente
 O rei chamou-o pra mesa
 Como homem competente
 Consigo dizia João:
 – Na hora da refeição
 Vou ensinar essa gente.

O almoço foi servido
 Porém João não quis comer
 Despejou vinho na roupa
 Só para vê-lo escorrer
 Ante a côrte estarecida
 Encheu os bolsos de comida
 Para todo mundo ver.

O rei muito aborrecido
 Perguntou para João:
 – Por qual motivo o senhor
 Não come da refeição?
 Respondeu João com maldade:
 – Tenha calma, majestade
 Digo já toda a razão.

– Esta mesa tão repleta
 De tanta comida boa
 Não foi posta para mim

Um ente vulgar, à toa;
 Desde a sobremesa à sopa
 Foram postas à minha roupa
 E não à minha pessoa!

Os comensais se olharam
 O rei pergunta espantado:
 – Por que o senhor diz isto
 Estando tão bem tratado?
 Disse João: – isso se explica

Por estar de roupa rica
 Não sou mais esmolambado.

– Eu estando esmolambado
 Ia comer na cozinha
 Mas como troquei de roupa
 Como junto da rainha
 Vejo nisto um grande ultraje
 Homenagem ao meu traje
 E não à pessoa minha.

Toda corte imperial
 Pediu desculpa a João
 E muito tempo falou-se
 Naquela dura lição
 E todo mundo dizia
 Que sua sabedoria
 Igualava a Salomão

[illegible]

Interpretação –

Momento externo - materialização da interpretação e compartilhamento. (5h/a de 50 min)

É hora de externalizar a nossa interpretação. Vamos produzir e apresentar nossas produções.

1º Bloco: Vamos fazer o resumo da obra lida.

[illegible]

Referências

ASSARÉ, Patativa do. *De EU E O SERTÃO* - Cante lá que eu canto Cá - Filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 1982.

ATUAL, Rede Brasil. *Depois de 5 anos consecutivos de seca, Nordeste está à beira do colapso.* Ambiente. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2016/11/depois-de-5-anos-de-seca-consecutiva-nordeste-esta-a-beira-do-colapso-3763.html>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

AUGUSTO, Gustavo. *Quadrinhos de Chico Bento – Proibido subir na goiabeira*. Publicado em 29 set. 2013. Disponível em: <<http://gustavoinfol.blogspot.com.br/2013/09/quadrinhos-do-chico-bento-proibido.html>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BORGES, José Francisco. *No tempo que os bichos falavam*. Recife, 1993.
CAJU e Castanha no vozes da Igreja 2009. Publicado por Joelson Guedes em 5 abr. 2017. 5' 25''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SODO02X4NQs>>. Acesso em 24 mar. 2018.

INEP. **IDEB** – Resultados e metas. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em 15 de maio de 2017.

LIMA, João Ferreira de. *Proezas de João Grilo*. São Paulo: Luzero, 1979.

MONTANA, Guilherme. *Xenofobia contra nordestinos em São Paulo*. Disponível em: <<http://xenofobianordestinosp.blogspot.com.br/2012/10/tirinha-sobre-o-preconceito.html>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

NO TEMPO que os bichos falavam. Publicado por Maria de Lourdes Araújo em 20 mar. 2014. 7' 21''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aq5Vgiewl_I>. Acesso em abr. 2017.

O RESUMO autentico da História de Lampião com cenas reais do cangaço. Publicado por Portal Nordeste em 25 fev. 2017. 15' 20''. Acesso em: 04 mai. 2017.

PESSÔA, Augusto. *Contador de histórias*. Disponível em: <http://augustopessoacontadordehistorias.blogspot.com.br/2009/05/conto-popular_23.html>. Acesso em: 02 mai. 2017.

PIADA Tunes – O fiscal – Animatunes. Publicado por Matheus anônimo em 26 jan. 2013. 1' 36''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WONI32FT_xE>. Acesso em maio de 2017.

PINTO, Maria Rosário. Minelvino Francisco Silva. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/MinelvinoFrancisco/MinelvinoFranciscoSilva_siteCordel_FCRB.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.